

ANÁLISE DO PAPEL DA EMPRESA JUNIOR E DA INCUBADORA DE EMPRESAS NA FORMAÇÃO EMPREENDEDORA DOS EGRESSOS DE UM CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA

Mônica Bomtempo Reis Soares
mbrsoares@yahoo.com.br
UFRRJ

Ana Alice Vilas Boas
ana.alice@dae.ufla.br
UFLA

Graciela Dias Coelho Jones
graciela@facic.ufu.br
UFU

Resumo: é reconhecida como importante instrumento da formação do egresso. Observou-se que a incubadora precisa ser mais reativada, contando com maior participação discente e apoiando-se na nova disciplina proposta para a formação empreendedora.

Palavras Chave: Formação Empreendedor - Empreendedorismo - Incubadora de Empresas - Empresa Junior -

1. INTRODUÇÃO

O Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) prioriza educação básica de qualidade e compreende que investir nela significa investir na educação profissional e na educação superior, pois elas estão ligadas, direta ou indiretamente. Significa também envolver todos - pais, alunos, professores e gestores, em iniciativas que busquem o sucesso e a permanência do aluno na escola. Entre os propósitos a que se destina o PDE estão a qualidade do ensino para o enriquecimento do processo educacional e a participação do sujeito, a equidade que reduz as desigualdades sociais e o desenvolvimento das potencialidades, conhecimento e competências dos indivíduos.

A implementação da educação empreendedora nas escolas, especificamente em uma escola de educação agrícola/agropecuária, deve basear-se no desenvolvimento de habilidades empreendedoras nos alunos para que, ao concluírem seus estudos retornem para o meio rural, preparados para participarem do desenvolvimento econômico como geradores de emprego e renda, contribuindo para o desenvolvimento sustentável, individualmente ou por meio dos modelos de ação empreendedora conjunta como cooperativas e associações.

Para que o modelo de ensino empreendedor tome forma será necessário que a cultura empreendedora faça parte de toda a comunidade escolar, órgãos e setores envolvidos bem como a sociedade e desse modo, buscar a formação do cidadão com pensamento autônomo e uma formação profissional qualificada, socialmente comprometida e acima de tudo ética.

Para o diretor superintendente do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE/ RJ: “O grande desafio do ensino fundamental, nos dias atuais, é não mais limitar-se a alfabetizar e dar formação básica e sim preocupar-se com a preparação do aluno para enfrentar os desafios futuros, tanto no mercado de trabalho, quanto na vida pessoal” (SEBRAE, 2006, p. 1). Isso demonstra que a visão empreendedora deve ser valorizada desde a formação básica. Portanto, a interdisciplinaridade e o empreendedorismo devem também ser estimulados no ensino médio e no ensino superior.

Neste contexto, este trabalho tem o objetivo de analisar o papel da Empresa Junior e da Incubadora de Empresas na formação empreendedora dos egressos do Curso Técnico em Agropecuária no Campus Rio Pomba do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais.

Este trabalho pretende demonstrar a importância do empreendedorismo na formação dos futuros técnicos, proporcionando, além da formação geral, o desenvolvimento da independência, o espírito criativo e crítico, preparando-os para enfrentar as dificuldades que normalmente surgem aos recém formados ingressos ao mercado de trabalho.

O presente artigo está estruturado em cinco tópicos. O próximo tópico aborda o Referencial Teórico contendo as bases teóricas para o desenvolvimento do estudo. O terceiro tópico trata da Metodologia adotada para a realização da pesquisa. No quarto tópico são discutidos os Resultados da pesquisa. Por fim, tem-se as Considerações Finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EMPREENDEDORISMO E CULTURA EMPREENDEDORA

A expressão *entrepreneurship* é de origem inglesa e originada da palavra francesa *entrepreneur*, que significa empreender, associada ao sufixo *ship*, que significa situação,

estado, grau, habilidade e qualidade. No entanto, Dolabela (1990, p. 43) situa a origem do termo empreendedorismo como:

Empreendedorismo é um neologismo derivado da livre tradução da palavra *entrepreneurship* e utilizado para designar os estudos relativos ao empreendedor, seu perfil, suas origens, seu sistema de atividades, seu universo de atuação.

O empreendedorismo é fundamentalmente a capacidade e o desejo de agir consciente, determinado e voluntário, tendente a obter uma mudança. O ato de empreender revela-se numa atitude dinâmica perante a realidade em que, em face de determinados contextos internos ou externos, se imaginam repostas de modificação dessa realidade. É por isso que se associa em regra geral, o empreendedorismo à inovação, pois o empreendedor tende a realizar as suas ações de forma diferente, para obter resultados diferentes e, nesse processo de inovação, desconstruir a realidade para recriar (DOLABELA, 2003). O empreendedorismo requer um comportamento que inclui iniciativa, organização ou reorganização de mecanismos socioeconômicos para transformar recursos e situações em contas práticas, avaliação e aceitação de riscos e tem como principal recurso o próprio empreendedor (SOARES, 2010).

Filion (1999, p. 19) define o empreendedor como uma pessoa lúcida e que utiliza essa lucidez para aproveitar oportunidades:

(...) o empreendedor caracteriza-se por ser uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios. Um empreendedor que continua a aprender a respeito de possíveis oportunidades de negócios e a tomar decisões moderadamente arriscadas que objetivam a inovação, continuará a desempenhar um papel empreendedor.

Segundo Drucker (2008), o empreendedor é alguém que está sempre buscando a mudança, reage a ela e a explora, fazendo dela uma oportunidade. Destaca também que o empreendedor tem capacidade de inovar, de lidar com a incerteza e com as mudanças.

2.2 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES EMPREENDEDORAS

As transformações recentes ocorridas nas relações de produção têm sido explicadas, como consequência do avanço científico e tecnológico. O mundo vive um fenômeno social concreto que ocorre devido às relações de interesse entre capital e trabalho no que tange formação e a qualificação da força de trabalho.

Assim, as habilidades e competências dos indivíduos devem ser trabalhadas e desenvolvidas em busca deste referencial de produtividade e qualidade. Segundo Perrenoud (1999), competência significa mobilizar um conjunto de recursos mentais para solucionar uma série de situações. A competência envolve a construção de conhecimentos a serem direcionados ao desenvolvimento de respostas necessárias à resolução de problemas. Descrever as competências exige a análise de situações e de ações, pois estão associadas ao contexto cultural, profissional e social do indivíduo, inserindo o sujeito em situações e problemas diversos.

Antes o empreendedor era proprietário ou dirigia algum negócio com objetivo de lucro. Hoje o conceito de empreendedorismo mudou muito e ganhou maior abrangência, considerando empreendedoras as pessoas que possuem determinadas características

demonstradas por comportamentos e ações que as levam ao êxito pessoal e profissional nas mais diferentes situações.

Segundo Dias et al (2008), a competência é um conjunto de características compreendendo diferentes traços de personalidades, habilidades e conhecimento, que são influenciadas pela experiência, capacitação, educação, valores familiares e outras variáveis demográficas do empreendedor. Vale ressaltar que o empreendedor de sucesso deve ser um indivíduo com competências múltiplas e qualidades diferenciadas. As competências se dividem em competências de oportunidades, competências de relacionamento, competências conceituais, competências administrativas, competências estratégicas e competências de comprometimento. Para fortalecer ainda estas competências temos as competências de suporte para fortalecer o empreendedor.

Conforme Dolabela (2003), existem algumas competências-chave que são fundamentais para o desenvolvimento do empreendedorismo: a) autoconfiança, assumindo riscos; b) iniciativa, força e energia para iniciar um projeto; c) resistência ao fracasso; d) planejamento, tendo organização para administrar; e) criatividade, inovação; e) relações interpessoais, este de grande importância, pois, uma boa relação com outras ajudará muito para que o negócio dê certo.

As competências traduzem comportamentos, conhecimentos, atitudes que o sujeito usa para desenvolver uma dada atividade com sucesso. A Educação para o Empreendedorismo deverá considerar como pilar o desenvolvimento dessas competências.

Diante do exposto, pode-se afirmar que as habilidades e competências empreendedoras podem ser estimuladas e desenvolvidas com vistas a preparar o profissional para atuar no mercado de forma mais independente. Portanto, certas práticas pedagógicas podem ser adotadas nas instituições de ensino com vistas a propiciar este desenvolvimento, conforme destacado a seguir.

2.3 EMPREENDEDORISMO NA EDUCAÇÃO

Inácio (2009) afirma que ensinar empreendedorismo no Brasil, significa uma quebra de paradigmas na tradição didática, uma vez que aborda o saber como consequência dos atributos do ser. Assim, na sala de aula, elementos como comportamento, atitude, emoção, sonho, individualidade, ganham vaga antes ocupada somente pelo saber. Levantamentos feitos junto a empreendedores apontam que o conhecimento da tecnologia do produto pode representar algo entre 5 e 15% da solução global. Ou seja, os conhecimentos adquiridos em cursos de base tecnológica no Brasil, contribuem com um baixo percentual na solução dos problemas a serem enfrentados na criação, desenvolvimento e venda de um produto ou prestação de serviços. Esta conclusão conduz inevitavelmente a reflexões sobre os programas curriculares em todos os níveis de ensino. Ela ressalta a importância do ensino de empreendedorismo nas escolas e universidades, a importância do espírito empreendedor, a forma de como o professor trabalhará os conteúdos e como o aluno irá aprender (INÁCIO, 2009).

Trabalhar o empreendedorismo com os alunos é um meio de mostrar a capacidade que eles têm de por em prática as suas idéias, o seu potencial, mas para isso é preciso trabalhar e estimular a criatividade, a liderança e a auto-estima, e não ter medo de assumir riscos.

A primeira disciplina de empreendedorismo no Brasil surgiu em 1981, oferecida pela Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas/SP, seguida de

importantes trabalhos durante a década de 1980 na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA/USP) e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS).

No início dos anos 1990, o SEBRAE-MG apoiou a criação do Grupo de Estudos da Pequena Empresa, na UFMG, destacando-se o oferecimento de workshops nos anos de 1992 a 1994, ministrados por professores canadenses, liderados por Louis Jacques Filion. Em 1993, o CNPQ, como o Programa Softex, desenvolveu uma metodologia no ensino do empreendedorismo. Em 1995, a Universidade de Brasília criou a Escola de Empreendedores, com atividades fervilhantes em sensibilização e ensino de empreendedorismo. Em 1997, foi criado em Minas Gerais, o Programa REUNE – Rede de Ensino Universitário de Empreendedorismo. Em 1998 o SEBRAE nacional lança o Programa REUNE - Brasil, expandindo a filosofia da rede universitária de ensino de empreendedorismo para todo o território nacional (DOLABELA, 1990).

Em 1992 são implantados mais dois projetos pioneiros: A Escola de Novos Empreendedores (ENE), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), considerado um dos projetos mais importantes no Brasil de ensino empreendedor.

No ano de 2000, foi iniciado o Programa Integrado MEC (SEMTEC)/SEBRAE de Técnicos Empreendedores, tendo como base os pressupostos estratégicos da nova educação profissional brasileira, tendo como objetivo contribuir para a solução dos problemas nacionais, por meio do ensino do empreendedorismo nas escolas de ensino médio e de educação profissional (MEC, 2000).

Dolabela (2003) afirma que os objetivos da Educação para o Empreendedorismo são: incentivar, sensibilizar, potencializar e integrar o desenvolvimento do espírito empreendedor em cada aluno, em cada atividade, em cada desafio, em cada disciplina, e em cada projeto.

3 METODOLOGIA

Para Gil (2009, p. 54), o estudo de caso é “uma modalidade de pesquisa muito utilizada nas ciências biomédicas e sociais e consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”.

Diante do exposto, optou-se pelo método do estudo de caso para realização desta pesquisa. Foi realizada aplicação de questionários junto aos egressos do curso técnico em agropecuária e aos professores da instituição. O instrumento de pesquisa selecionado foi o questionário, devido a vários fatores como: anonimato dos participantes da pesquisa, facilidade de envio do instrumento para os respondentes e o contato com os mesmos.

Segundo Lakatos e Marconi (2003), o questionário precisa ser testado antes de sua utilização definitiva em um público compreendido entre 5% e 10% do tamanho da população estudada. Antes da aplicação definitiva do questionário foi feito um pré-teste com alunos, professores e egressos da instituição, mas que não fazem parte da pesquisa final. A idéia era verificar a compreensão das perguntas e a necessidade de ajustar as mesmas.

O público investigado é composto por docentes da instituição ligados ao curso e por egressos do Curso Técnico em Agropecuária. A instituição possui 80 professores que lecionam tanto nos cursos técnicos quanto na graduação. O questionário foi enviado para 45 professores, 55% e destes 23 professores responderam.

Houve uma grande dificuldade na aplicação do questionário para os egressos. Para a pesquisa foram selecionados aleatoriamente 45 alunos, mas somente 04 devolveram o

questionário respondido, 03 envelopes foram devolvidos pelos Correios e o restante não houve resposta. No total foram apenas 16 questionários respondidos.

Foram aplicados dois questionários diferentes na pesquisa de campo. O Questionário 1 foi aplicado aos docentes e o Questionário 2 foi aplicado aos discentes. Foi elaborado um texto no início de cada questionário, com identificação e orientação, com o objetivo de facilitar o preenchimento pelos participantes.

Os dois questionários possuem várias perguntas semelhantes, mas mesmo assim foi necessária a criação de questionários distintos para os dois grupos. Isso porque o questionário de docentes aborda questões sobre as práticas pedagógicas adotadas nas disciplinas, grau de interesse dos alunos pela disciplina e entre outros aspectos inerentes à interdisciplinaridade e o empreendedorismo no ensino.

Os dados coletados na pesquisa foram classificados e expressos em tabelas, para que fossem analisados e interpretados, para confirmar a suposição desta pesquisa. Os dados secundários foram utilizados para descrever a instituição e permitir avaliar a estrutura curricular e as ementas das disciplinas do curso em questão.

As questões fechadas foram agrupadas para permitir identificar a frequência com que elas apareceram nas diversas perguntas. No entanto, as questões abertas foram analisadas com base no conteúdo descrito pelos respondentes, de acordo com os pressupostos de Bardin (1977). Algumas respostas foram transcritas com o intuito de preservar a essência e estilo do que foi apresentado pelos respondentes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO PESQUISADA

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Rio Pomba está localizado a 5 km do centro urbano de Rio Pomba/MG, no bairro Lindo Vale. A região da zona da mata mineira é formada por 142 municípios agrupados em sete microrregiões geográficas, abrangendo uma área de 35.726 km². A cidade é formada basicamente por mini e pequenos proprietários rurais e/ou agroindustriais, cuja estrutura produtiva está ainda nas atividades de subsistência. A região vem passando por transformações, uma delas é a preocupação de sua infra-estrutura física, a formação de mão-de-obra qualificada, práticas empresariais e a diversificação de seus produtos para atender cada vez mais as demandas crescentes do mercado consumidor.

A antiga Escola Agrotécnica Federal de Rio Pomba, hoje IF Sudeste MG Campus Rio Pomba, foi inaugurada no dia 16 de agosto de 1962 pelo deputado Último de Carvalho, atendendo aos anseios políticos, econômicos e sociais vigentes, idealizando-se uma escola voltada para as necessidades do meio rural, numa metodologia adaptada ao sistema escola-fazenda.

No IF Sudeste MG – Campus Rio Pomba existe uma Empresa Júnior, chamada ATEC – Jr que foi criada em 01 de agosto de 2000 e oficializada em setembro de 2008. Ela é formada por alunos dos cursos técnicos do Campus Rio Pomba, que após alguns contatos com alunos de outras instituições viram a importância da mesma na região. Definida por estatuto como “Associação civil sem fins lucrativos”, a empresa é constituída e gerida por alunos de habilitação técnica com o apoio de alguns professores. De acordo com Matos (1997, p. 21), a Empresa Júnior é “uma associação civil, sem fins lucrativos, constituída exclusivamente por



alunos de graduação, que presta consultoria e desenvolve projetos para empresas, entidades e sociedade em geral, nas suas áreas de atuação, sob a supervisão de professores e profissionais especializados.”

Um dos principais objetivos da ATEC é fornecer assistência técnica aos pequenos produtores e empresários, preparando os alunos da instituição para o mercado de trabalho, são oferecidos também mini-cursos e palestras aos alunos e produtores para que possam aprimorar seus conhecimentos.

Os alunos desenvolvem projetos em parcerias com produtores rurais, prefeituras, entidades filantrópicas, etc. Há também uma Empresa Júnior chamada PROLATIS, que envolve os alunos do curso superior de Laticínios. Esta desenvolve também projetos junto aos produtores rurais e pequenos laticínios da região.

No ano de 2004 foi criada a primeira incubadora de empresas dentro da instituição. De acordo com Medeiros et al. (1992), as incubadoras de empresas se constituem de empresas reunidas num mesmo local, e podem estar inseridas no campus da universidade, próximas ou ao lado dele.

Naquela época, o convênio foi feito entre o Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Pomba com a Empresa Carlos Augusto Bandeira Moraes-ME, com interveniência da Fundação de Apoio ao Ensino Tecnológico e Profissionalizante de Rio Pomba (FUNDEP). A parceria teve início no dia 01 de maio de 2004 e com o término em 01 de maio de 2006. De acordo com Lima et al (2008, p. 58), “a necessidade de inovação, a escassez de postos de trabalho e a busca por novos mercados, motivaram o surgimento das incubadoras no Brasil, principalmente às de base tecnológica.”

O CEAGRO era formado por um grupo de servidores entre professores e técnicos administrativos indicados pela direção. O objetivo do convênio era o apoio e suporte oferecidos pelo Centro de Incubação e Parcerias do Agronegócio do CEFET Rio Pomba – CEAGRO à empresa, para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de seu empreendimento de base tecnológica. Pelo convênio o CEAGRO deveria acompanhar, assessorar e incentivar a empresa, oferecendo serviços de apoio ao Sistema de Incubação Compartilhado (recepção, limpeza e telefonia local), pessoal capacitado para executar o serviço de apoio, as instalações, monitorar os Planos de Ação periódicos que promovam o desenvolvimento da Empresa Incubada, objetivando o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos produtos da empresa.

A função da empresa era participar dos cursos de capacitação, palestras e demais eventos oferecidos pelo CEAGRO, produzir e comercializar os produtos, devendo também repassar um percentual de a 0,5% do faturamento mensal bruto ao CEAGRO durante a vigência do convênio, e o mais importante de tudo, receber alunos do campus para estagiarem na empresa em todos setores, levando para a prática o que aprendiam em sala de aula. Mas, infelizmente, esta parceria não deu certo.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS

O público investigado é composto por docentes da instituição ligados ao curso e por egressos do Curso Técnico em Agropecuária.

A idade média entre os egressos varia de 20 até 48 anos, ou seja, uma variação muito grande no tempo de atuação de cada um no mercado de trabalho. Quanto aos docentes tem-se que o tempo deles na instituição varia de 3 meses a 18 anos de experiência.

Na pesquisa com egressos observou-se que a formação profissional deles mudou muito depois do curso técnico. Dos 16 investigados, 10 não fizeram curso superior, 5 têm curso superior completo e 1 está cursando. A formação deles é em diferentes áreas do conhecimento: Ciências Econômicas, Agroecologia, Direito, Medicina Veterinária, Zootecnia, Tecnólogo em Laticínios, História e Informática.

Quando perguntados se empreenderam algum negócio, 5 responderam que sim, 10 responderam que não e 1 não respondeu. Destes 4 empreenderam 1 vez e 1 empreendeu 2 vezes. Os 5 egressos que empreenderam disseram que foram motivados pela necessidade, pois precisavam trabalhar e obter renda que demonstram isto. Quando perguntados se trabalharam como empregados 8 responderam que sim, 7 responderam que não e 1 não respondeu.

Foi levantada a percepção dos docentes e dos egressos quanto as características percebidas de uma pessoa empreendedora. A seguir, a Tabela 1, apresenta os resultados.

Tabela 1: Características de uma pessoa empreendedora

Características	Docentes	%	Egressos	%
Liderança	12	52%	15	94%
Motivação	16	70%	12	75%
Superação	5	22%	10	63%
Compromisso e determinação	18	78%	12	75%
Propensão de assumir riscos	11	48%	16	100%
Criatividade	13	57%	11	69%
Autoconfiança	13	57%	9	56%
Habilidade de adaptação	11	48%	7	44%
Ter iniciativa e agir	17	74%	10	63%
Inovação	12	52%	12	75%
Orientação a metas	10	43%	13	81%
Outras	3	13%	1	6%
Total	23	100%	16	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Foi feita a seguinte pergunta aos docentes: Você acredita que a vivência e prática do aluno na Empresa Júnior contribui para a edificação de um espírito empreendedor nos alunos? Como e por quê? Dos 23 pesquisados todos concordaram e responderam que sim, com alguns comentários que foram transcritos a seguir:

“Porque a empresa júnior trata da disciplina de empreendedorismo na prática, proporcionando ao aluno uma vivência de empresa” (DOCENTE 21).

“Este tipo de organização é muito importante, pois facilita o processo de compreensão do aluno de como funciona o mercado e as relações interpessoais no mundo do trabalho” (DOCENTE 20).

“Através do contato direto com o mercado de trabalho, no caso dos cursos técnicos da área agrícola, com os produtores” (DOCENTE 18).

“A experiência que o aluno vivencia antes da prática no mercado de trabalho é essencial para que construa conceitos sobre a realidade e se aproxime do perfil profissional que o mercado demanda. Também é

importante para que conheça e avalie o que é ter um negócio próprio, ser empresário e a relação com a questão financeira também é enriquecedora. Em suma o aluno tem a oportunidade de observar os dois lados do mundo dos negócios: empregado e empregador” (DOCENTE 17).

“Ele participa de uma realidade que a academia não ensina. Ele conhece o problema, planeja, propõe solução e participa de todo o processo. Além disso, ele faz parte de uma organização (a empresa) que tem normas e regras de funcionamento, que estabelece diretrizes, hierarquias, divisões de tarefas e funções, gerenciamento de conflitos pessoais e de trabalho, enfim tem uma experiência de trabalho em equipe, gerencia recursos, assina convênios e sabe como se abre uma empresa, como se cadastra, presta contas, gerencia os recursos obtidos com o trabalho de seus membros” (DOCENTE 22).

“Aumenta a autoconfiança, cria o espírito de responsabilidade, ajuda na construção de uma visão crítica sobre a profissão e sobre si mesmo, desperta a importância de suas capacidades técnicas e abre as portas do mundo profissional” (DOCENTE 16).

“Desde que esse aluno participe de fato da empresa júnior, esta pode ser um caminho para despertar o espírito empreendedor em um estudante. Mas é importante destacar que essa realidade pode não ser comum a todos os estudantes que participe de uma Empresa Júnior, pois a própria natureza e vocação do aluno podem ser um dos requisitos principais para a formação ou para despertar o espírito empreendedor” (DOCENTE 14)

Outra questão da pesquisa foi sobre a experiência na Incubadora de Empresas, ou seja, para saber se ela contribui com o desenvolvimento do espírito empreendedor e da interdisciplinaridade na educação. O questionário apresentou a seguinte questão: Você acredita que a vivência e prática do aluno nas incubadoras de empresas contribui para a edificação de um espírito empreendedor?

Dos 23 docentes pesquisados, todos responderam que sim, que é um momento em que os alunos aprendem a ter iniciativa, autoconfiança, conhecem as dificuldades encontradas dentro de uma empresa, aprendem a trabalhar em equipe, porque muitos podem achar que é fácil trabalhar em equipe, mas não é, muitos só trabalham sozinhos e não sabem dividir com os colegas uma determinada atividade. Alguns relatos mostram a opinião deles.

“Quando bem estruturadas, abrem caminhos para os alunos colocarem suas idéias em prática e com auxílio dos professores, caminham pelo mundo dos negócios de forma o mais adequado possível” (DOCENTE 9).

“Participar de experiências em incubadoras pode influenciar positivamente na formação do aluno, haja vista que uma empresa é um ambiente que envolve muitos detalhes. Pode-se evitar assim, riscos de fracassos no futuro” (DOCENTE 11)



“Qualquer vivência profissional orientada durante a formação é válida” (DOCENTE 12)

“O trabalho com incubadoras permite aos alunos maior valorização da escola, maior conhecimento da realidade local e da importância do trabalho voluntário. A partir dessa realidade, forma-se o cidadão consciente e ativo” (DOCENTE 13)

“Pode ser importante, a partir do momento que possibilita ao aluno ainda no banco da universidade praticar alguns conhecimentos discutidos ainda na fase de estudante. No entanto, acredito que o espírito empreendedor, vai depender da capacidade, responsabilidade e envolvimento desse aluno com o seu curso e a vivência efetiva no caso aqui de uma incubadora.” (DOCENTE 14).

“Coloca o aluno em contato com o processo de transformar boas idéias em negócios” (DOCENTE 16)

Como observou-se na pesquisa, são várias as opiniões dos docentes sobre a importância da atuação numa incubadora de empresas, mas todos concordam que é fundamental a participação do aluno, mesmo que seja como membro ou estagiário de uma incubadora. A teoria ajuda muito, mas é na prática que o aluno aprende realmente, fortalecendo assim a autoconfiança, a criatividade, o trabalho em equipe e a liderança no grupo. O que pode ser considerado uma aprendizagem ou vivência significativa (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1978).

Quando questionados sobre o que o curso poderia ter fornecido a mais para a formação, visando facilitar o espírito de empreendedor, auxiliar no enfrentamento de desafios e oportunidades, 3 não opinaram e os demais citaram alguns conteúdos e disciplinas que sentiram falta e que ajudaria muito na sua formação acadêmica. Alguns relatos mostram a ausência de disciplinas de Gestão de Negócios, Técnicas de Recursos Humanos, Técnicas Comerciais, Empreendedorismo, Contabilidade Comercial, Práticas de Cooperativismo, também espaço para a criação de novos. A seguir são apresentados comentários e opiniões dos egressos sobre as disciplinas que poderiam ter sido ofertadas no curso:

“Aulas de Gestão de Negócios e estimular mais o aluno a ser independente e ter seu próprio negócio” (EGRESSO 11).

“Técnicas em Recursos Humanos, Técnicas Comerciais, Empreendedorismo, Criação de novos produtos” (EGRESSO 2).

“No meu ponto de vista o curso tinha que focar mais nos fatores que contribuem para o sucesso econômico do empreendimento. Ex: administração, planejamento e metas, mão-de-obra e outros” (EGRESSO 15).

“Não houve uma formação técnica tendente a fazer nascer nos alunos o interesse em empreender, cujo curso era mais voltado à formação do técnico enquanto empregado. Por isso deve ser uma formação técnica



que dê orientações, treinamento, indicação de doutrina, seminários, execução de práticas voltadas à gestão, criação e empreendedorismo ao invés de forçar apenas na excelência da formação sob o aspecto apenas teórico” (EGRESSO 12).

“Lidar com a gestão do negócio, Gestão Tributária, Gestão de Pessoas, Gestão Financeira” (EGRESSO 3).

“A única coisa que faltou no curso foi os professores passarem para os alunos como administrar ou gerenciar uma propriedade. A área do agronegócio não foi muito bem explicada, eles tinham que focar mais nos conhecimentos dos mercados” (EGRESSO 16).

No final da pesquisa foi reservado um espaço para que docentes e egressos pesquisados pudessem dar sugestões e fazer algum comentário que não tiveram oportunidade durante o preenchimento do questionário, que são apresentados a seguir:

“A escola deve ter a obrigação e o dever de formar não somente profissionais, mas homens capazes de desenvolvimento profissional, mas com a responsabilidade e respeito mútuo. Fazendo a sua profissão fonte de renda, prazer e melhoramento da vida humana” (EGRESSO 13).

“Entendo que o crescimento que o país está por apresentar nos próximos anos, irá necessitar de jovens empreendedores, porém estes deverão estar dotados de conhecimentos básicos do negócio em que iram iniciar bem como da gestão do mesmo” (EGRESSO 3).

“Para que possamos obter melhor desempenho e adquirir conhecimentos na área de empreendedorismo, o meio acadêmico, no caso a diretoria, deve incentivar as atividades extra-curriculares, principalmente nas empresas juniores, pois a mesma consegue preparar os futuros profissionais para o mercado de trabalho mais rápido do que os colegas que não participam de nada, conseguindo vivenciar antecipadamente tudo aquilo que pode acontecer, tendo acompanhamento e a supervisão de seus professores” (EGRESSO 1).

“O aluno de um curso técnico, qual seja a área, precisa, mais do que a formação técnica, de ser instado a se transformar em um empreendedor. Informações práticas, treinamentos, controle de resultados, conhecimento dos fatos econômicos que passam no processo produtivo é tão importante quanto o conhecimento técnico acumulado em relação ao curso escolhido. Para que se tenha um país de empreendedores, é preciso também que se proporcione condições de empreender. Ninguém possui todas as qualidades e características de um bom empreendedor” (EGRESSO 12).



“É preciso muita convicção para atingir metas pré-estabelecidas, muita determinação para não sucumbir ao negativismo de muitos” (EGRESSO 10).

“Acredito demais na educação empreendedora e penso que este projeto deverá motivar as escolas de educação profissional e tecnológica a incluir em seus planos de curso a disciplina de empreendedorismo, administração e ainda, a criação de incubadoras de empresa e hotéis de projeto, principalmente direcionado para os alunos” (DOCENTE 4).

“Trabalho interessante e muito importante principalmente ao considerar o público com que se trabalha: estudantes do ensino técnico e tecnológico. Se deste trabalho surgirem algumas conclusões que possam ser utilizadas na adaptação das metodologias de ensino e extensão, visando o “despertar e amadurecimento do empreendedorismo” em nossos estudantes regulares, já terá valido muito” (DOCENTE 8).

“Sugiro que haja um trabalho para enfatizar em todas as áreas de formação a importância da boa administração para os negócios. Produzir com eficiência e não saber o caminho para obter retorno nos negócios é motivo de frustração para muitos pequenos empresários que começam seu negócio, mas não conseguem colocar no mercado e principalmente não conseguem lucro e retorno de seus investimentos” (DOCENTE 17).

“Acho que essa disciplina, empreendedorismo, deveria abordar principalmente o espírito de organização e prática de um empreendedor. Abrir e ser dono de seu negócio significa conhecimento, organização e perseverança” (DOCENTE 23).

Segundo o PDI do IF Sudeste MG, os princípios norteadores da prática educativa são a justiça social, com foco na equidade social e econômica, gerando inovação tecnológica e a inter-relação entre cultura, meio ambiente, trabalho, ciência e tecnologia na busca de soluções para os problemas do seu tempo, em favor da sociedade para que se cumpra a missão transformadora e libertadora da educação.

Por fim Dolabela (1990, p. 20-21) afirma que: “O que aprendemos na escola é superado rapidamente pelo que aprendemos fora dela. Em algumas áreas, o conhecimento tecnológico é renovado em poucos anos. Não adianta mais acumular um “estoque” de conhecimentos. É preciso que saibamos aprender.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da presente pesquisa foi analisar o papel da Empresa Júnior e da Incubadora de Empresas na formação empreendedora dos egressos do curso técnico em agropecuária no Campus Rio Pomba do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais.

Analisando os resultados da pesquisa pode-se perceber que a experiência com a Empresa Júnior e com a Incubadora de Empresas contribuiu para sua formação do egresso,

demonstrando a importância dessas experiências para desenvolvimento do espírito empreendedor.

Para que o educando se transforme em um agente empreendedor, além das bases do conhecimento, o ambiente educacional deve propiciar as condições necessárias para que este desenvolva também habilidades e atitudes, pelo envolvimento em projetos que constituam desafios possíveis e progressivos, contemplando também os temas transversais e de caráter interdisciplinar, conferindo-lhe capacidade de desenvolvimento autônomo.

A primeira experiência da incubadora de empresas não resultou nos resultados esperados. Contudo, é reconhecida como importante instrumento da formação do egresso. Observou-se que a incubadora precisa ser mais reativada, contando com maior participação e interesse dos discentes.

Ressalta-se que a Empresa Júnior também tem cumprido seu papel na formação do egresso, envolvendo os alunos na elaboração, promoção e execução de cursos, palestras e projetos de extensão.

Para futuras pesquisas, sugere-se traçar o perfil de pesquisa e extensão na área de agropecuária no Campus Rio Pomba e em outros IFETs. Além do desenvolvimento de uma proposta de reestruturação das Empresas Juniores e das Incubadoras de Empresas no Campus Rio Pomba e em outras instituições de ensino de nível técnico e médio para o fortalecimento da formação empreendedora.

REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, D., NOVAK, J., & HANESIAN, H.** Educational Psychology: A Cognitive View (2nd Ed.). New York: Holt, Rinehart & Winston, 1978. Disponível em http://www.robertexto.com/archivo3/a_teorias_ausubel.htm . Acessado em 20/11/2010.
- BARDIN, Laurence.** Análise de conteúdo. Edições 70 Ltda. Lisboa, Portugal. 1977.
- BRASIL. Ministério da Educação.** Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Referenciais Curriculares da Educação Profissional de Nível Técnico. Área: Agropecuária. Brasília: MEC, SETEC, 2000.
- DIAS, T. R. F. V.; NARDELLI, P. M.; VILAS BOAS, A. A.** Competências Empreendedoras: um estudo sobre os empreendedores ganhadores do Prêmio TOP Empresarial. In: V Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - EGEPE, 2008, São Paulo. Anais do V Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. São Paulo: Mackenzie, 2008.
- DOLABELA, Fernando.** Oficina do empreendedor. São Paulo: Cultura, 1990.
- DOLABELA, Fernando.** Pedagogia empreendedora - O ensino do empreendedorismo na educação básica, voltado para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.
- DRUCKER, Peter F.** Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): prática e princípios. São Paulo: Pioneira, 2008.
- FILION, Louis Jacques.** Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. Revista de Administração, São Paulo v.34, n.2, p.5-28, abril/junho 1999.
- GIL, Antônio Carlos.** Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. – 12 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.
- INACIO, Sandra Regina Luz.** O Ensino de Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras. Publicado em 23/01/2009. Disponível em: <http://empresanet.com.br/artigos/articles/79/1/O-Ensino-de-Empreendedorismo-nas-Universidades/Page1.html>. Acessado em 10/02/2010.
- LAKATOS, E. M., MARCONI, M. A.** Fundamentos da Metodologia Científica. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LIMA, Afonso Augusto Teixeira; ALBINO, Andréia Aparecida; OLIVEIRA, João Leandro Cássio & OLIVEIRA, Ronise Suzuki.** Sistema de avaliação de desempenho de incubadoras de empresas de base



tecnológica. A luz da inovação tecnológica: Uma discussão sobre os sobre os modelos existentes. Ciências Sociais Aplicadas em Revista - Unioeste/MCR, v. 8, n. 15, p. 57-73. 2º sem 2008.

MATOS, F. A empresa júnior no Brasil e no mundo. São Paulo: Martin Claret, 1997.

MEDEIROS, J. A.; MEDEIROS, L. A.; MARTINS, T.; PERILO, S. Polos, parques e incubadoras: a busca da modernização e competitividade. CNPq, SCT//PR, IBICT, SENAI. Brasília, 1992.

PERRENOUD, P. Construir as competências desde a escola. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SEBRAE. Rio tem educação empreendedora no ensino fundamental. In. Programa Jovens Empreendedores. 2006. Disponível: <http://www.empreendedor.com.br/?pid=28&cid=2944>>. Acesso em 09 jul. 2009.

SOARES, Mônica Bomtempo Reis. Formação profissional empreendedora sob a visão pedagógica. 64 p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2010.